

UMA TRÍADE COMO DEFESA¹

Marco Antonio Maschio Cardozo Chaga²



Depois de reunir, organizar, indexar e interpretar o material publicado ao longo dos doze anos de existência do *Folhetim* (entre 1977-1989), percebo algumas lacunas que a minha análise do material carrega. Ao longo dos doze anos de existência do *Folhetim*, foram publicados 636 números com um pouco mais de cinco mil textos, além das gravuras, desenhos, fotos e histórias em quadrinhos. Justamente neste ponto surge uma das falhas mencionadas.

Faltou analisar o material iconográfico, que poderia nos fornecer uma outra maneira de compreendermos o que havia se passado no interior da década perdida, não tanto pelo que havia sido escrito ou falado, mas por uma chave talvez menos direta, já que o material derivado desta gigantesca iconografia é menos suscetível tanto ao controle da autoria, quanto ao cerco dos editores.

Escondido sob os escombros deste material iconográfico há, entre outras coisas, uma possível história que demonstra como a fotografia, ao longo dos anos oitenta, adquiriu um valor diferenciado entre as artes gráficas, condenando as outras formas de expressão gráfica ao imaginário político engajado dos anos setenta.

Sendo assim, meu ouvinte pode imaginar que me detive nos textos que circularam no suplemento, porém, mais uma vez, devo assinalar que não foi bem assim, visto que optei pela análise de algumas séries de ensaios, que fossem capazes, ainda que de forma parcial, de restituir uma narrativa daqueles anos.

Na verdade, eu estava diante de um emaranhado de textos que traziam à baila um grande número de reportagens que enfocavam os mais diversos problemas sociais do país; de entrevistas que buscavam acentuar o tom politizado do debate em fins dos

¹ Este texto foi escrito como parte de minha argüição de defesa do doutorado. A Tese, *Folhetim (1977-1989) — Rapsódia de uma década perdida*, foi defendida em 7 de fevereiro de 2001. A banca, presidida por minha orientadora, professora doutora Maria Lucia de Barros Camargo, foi composta pelos professores Rita de Cássia Barbosa e Raúl Antelo (ambos da UFSC), Wander de Melo Miranda (UFMG) e Nelson Schaposhnik (Unesp/USP). A Tese se encontra depositada junto à Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Doutor em Literatura.

anos setenta; dos importantes depoimentos sobre as conseqüências da repressão e da censura durante os anos de chumbo; dos editoriais, que sempre procuravam expressar a ambivalência de se acreditar desconfiando da abertura política; da publicação ficcional, através da qual se percebia o movimento de descolamento da preocupação com o cenário político frente ao embaraço de não se ter uma saída estética para se prolongar o fôlego da literatura nacional; da publicação dos poemas, que, por meio da recuperação ou da apresentação de novos poetas dos mais variados rincões do planeta, inundaram de traduções a seara poética nacional dos anos oitenta; e, finalmente, encontrava-se à minha frente uma extensa lista de ensaios dos mais diversos quadrantes: da ciência às humanidades.

Embora a área de humanas fosse seu alvo principal, os ensaios forneciam qualidade nas análises e demonstravam o quão antenados estavam os nossos representantes acadêmicos com o que se passava fora do país, sem esquecer das nossas antigas e constantes mazelas econômicas, sociais, política e culturais.

Então, ao que parece, para realizar a minha tarefa de interpretar o material que se avolumava em torno da pesquisa foi necessário proceder algumas escolhas, mesmo porque havia a necessidade de se adequar o calendário da pesquisa ao prazo da sobrevivência (neste caso, a bolsa de estudo). Senti falta de mais alguns meses, talvez doze, para me aprofundar no exame da produção ficcional e poética do período. O cruzamento de informações com outras revistas e periódicos também seria fundamental para se compreender esta produção, o que ficou apenas indicado em algumas passagens da tese.

Preferi realizar um entendimento global do periódico em suas três fases, que, aliás, se tornavam cada vez mais claras à medida que estava lendo o material.

A primeira fase, entre 1977-1979, significou um período de compasso de espera sobre os destinos da redemocratização. Tenho a impressão que a tática da resistência pela resistência que se havia praticado ali não encontrava muito eco na sociedade, que já vivia um ambiente de euforia motivado pelos primeiros sinais da transição. Sendo assim, me parece que o impacto do *Folhetim* junto ao público era apenas morno, já que o clima era um misto de saudosismo renitente somado à falta de um projeto de atuação sócio-cultural.

Quando (por diversos motivos), a partir de 1979, o país percebeu que o processo de abertura se tornara irreversível, o suplemento pôde (durante a segunda fase) colocar em prática seu projeto de informar e esclarecer o público. A combatividade política se

aflorou e o espaço do *Folhetim* se converteria, até meados de 1982, em um amplo fórum de debates públicos e democráticos sobre os destinos do país. Aqueles debates têm hoje um valor adicional quando se constata que foram eles que trouxeram os primeiros ramos para a formação do primeiro ninho público dos tucanos, que atualmente ocupam vários dos principais cargos políticos do país.

A terceira fase, entre 1982 e 1989, foi assumida pelos especialistas e, a partir deste ponto, pode-se reconhecer o *Folhetim* como um suplemento literário, já que a maior parte dos textos que ali circularam são de fato associados aos assuntos voltados ao universo da literatura.

Falar sobre estas três fases é necessário para justificar a minha análise do material que privilegiou rastrear, inicialmente, os desdobramentos do Projeto *Folhetim*, que visava a criação de uma ampla enciclopédia popular até meados de 1982, e que, a partir de então, passou a especificar ainda mais a confecção dos seus verbetes. Observamos, ao longo da primeira e da segunda fase, a elaboração de verbetes que falavam mais de perto sobre a conquista da cidadania e a organização popular. Neste período, pretendeu-se abranger todos os segmentos marginalizados da sociedade brasileira. Desta forma, o *Folhetim* criava um poder paralelo que apontava para todas as falhas das políticas públicas (sociais, econômicas, culturais), abrindo os olhos de seus leitores sobre a incansável tarefa diária para se manter acesa a chama da democracia. Não se perdia de vista a necessidade pedagógica de se usar o suplemento como um instrumento de instrução pública, seja para atender a demanda dos colegiais, que não dispunham de material sobre a história recente do país, seja para cobrar dos agentes envolvidos no ensino universitário um maior comprometimento com os rumos do país.

Esta vigilância incansável sobre os nossos destinos começou a esmorecer e, a partir de 1983, o suplemento se volta a um público mais especializado e adquire um status diferente. A partir de então, deve-se retirar a palavra popular da expressão "enciclopédia popular", haja vista que o suplemento passa a ser celebrado por um grupo mais limitado de leitores. Decorrente da especialização dos textos surge, depois de 83, uma enorme enxurrada de ensaios, que, de forma mais detida, exigiu minha atenção. Diante de uma gama variada de assuntos para os quais apontavam estes ensaios, optei por analisar a rede ensaística voltada aos assuntos literários, mais especificamente, à crítica literária e as diversas teorias literárias que passaram a fazer parte do cotidiano dos especialistas. Contudo, devo lembrar que o *Folhetim* nunca deixou de lado a sua tendência aos temas literários, dedicando, desde o seu surgimento,

uma crescente cobertura ao assunto. Em virtude desta crescente onda literária, tive a necessidade de percorrer os diversos enfoques literários adotados pelo suplemento ao longo dos seus doze anos de existência.

Ainda que eu tenha abandonado algumas e deixado de me precipitar sobre outras das questões que venho mapeando, há um ponto que desejo destinar o tempo que me resta para defender o meu trabalho. Trata-se de uma das pesquisas, presente no CD-ROM, que oferece um quadro com os autores mais citados entre 77 e 89. Esta listagem traz (pela ordem) os nomes de Marx, Freud, Benjamin, Nietzsche e Borges entre aqueles que mais recorrentemente foram citados nos textos publicados pelo *Folhetim*.

Para comentar rapidamente estes números, que denunciam uma década foucaultiana, gostaria, inicialmente, de deixar de lado o caso de Benjamin. Explico o porquê. Evidentemente, o olhar histórico oferecido por Benjamin é muito importante porque retira o peso, muitas vezes, embaraçoso da menção direta a Marx, além de se constituir como uma das principais críticas ao, digamos assim, marxismo de resultados. Ou seja, continua-se a ser marxista sob outro viés, o que, em última instância, denuncia o evolucionismo das teses mais clássicas de Marx. Mas, seja como for, o nome de Benjamin é, mesmo a contragosto, uma espécie de decorrência de Marx.

Sobre o quinto nome, o de Borges, reservei-lhe, por enquanto, o espaço do silêncio. Sendo assim, resta-nos a tríade formada por Nietzsche, Freud e Marx. Mais do que uma coincidência, o fato desta tríade encabeçar a lista dos autores mais citados da década de oitenta revela o profundo sentimento de sintonia que parecia dar seus primeiros passos no sentido de equalizar as pesquisas das ciências humanas nas principais universidades brasileiras ao que se fazia no resto do mundo (leia-se Europa e Estados Unidos).

Em o *Theatrum philosophicum*, Michel Foucault havia vislumbrado, por volta de 1975, que uma época dedicada a estes três autores (sobretudo às idéias deles) estava por vir e, do além mar, o *Folhetim* comprovava que o sonho de Foucault não estava distante de ser realizado. Justificando a necessidade de se debruçar sobre as técnicas de interpretação que haviam motivado boa parte dos escritos destes três autores, Foucault escrevia que a iniciativa de retomá-los fazia parte de uma estratégia, que "consistiria em chegar a compor algum dia uma espécie de Corpus general, uma Enciclopédia de todas as técnicas de interpretação que conhecemos, desde os gramáticos gregos até aos nossos dias".

As técnicas de interpretação passíveis de serem extraídas destes três autores deveriam nortear uma teoria geral da suspeita que, em seu horizonte, possibilitaria "suspeitar que a linguagem quer dizer algo de diferente do que diz, entrevendo-se que há linguagens dentro da mesma linguagem". Ou seja, estas obras haviam criado uma ferida no pensamento ocidental, cuja cicatrização não se tornaria jamais completa, tornando "suas reaberturas" um fenômeno perene.

Cicatrização e reabrir são movimentos cruciais do ato de interpretar, que o tornam uma tarefa infinita e, se assim for, diante da falta de coisas a serem oferecidas às interpretações, o nosso trabalho passa a ser configurado por um exercício de interpretar interpretações.

Talvez resida neste ponto boa parte da minha pesquisa, principalmente quando se tem uma noção mais clara de que os periódicos estão longe de carregar a verdade sobre os fatos e, por conseguinte, o que eles nos oferecem são versões ou interpretações dos acontecimentos, e não propriamente os acontecimentos.

As teorias contemporâneas alicerçadas sobre as idéias de Marx, Nietzsche e Freud anunciavam que a nossa época havia perdido a ingenuidade, já que contrariavam o excessivo crédito às versões totalizantes e completas que nós tínhamos sobre a compreensão do passado, isto que, invariavelmente, nos dava a sensação de poder e controle sobre os acontecimentos. Contudo, esta inversão do nosso olhar sobre os acontecimentos (em grande parte determinada pela retirada da noção de completude das narrativas que carregam estes fatos) não nos livrou do narcisismo que muito contribuiu para se ter uma noção equivocada de que o procedimento interpretativo se encerra em nós.

Estes pensadores nos ensinaram, entre outras coisas, que o nosso entendimento sobre o que nos cerca é relativo e a nossa enciclopédia se baseia, portanto, na noção de que os conceitos fixados por edições anteriores da "enciclopédia" devem ser substituídos periodicamente pela compreensão parcial que nos é oferecida pelas versões, ou, para ser mais preciso, pelos ensaios, que nos oferecem visões parciais da complexa rede textual que nos cerca.

Toda geração constrói a sua enciclopédia, ou melhor, cada geração detém a enciclopédia que merece. Desde o início do século criou-se o mito de que as sucessivas gerações estariam mais perdidas do que as anteriores. Esta sensação se baseia no ceticismo que o futuro nos reserva a todo passo que se dá em direção à eternidade. A expressão "geração perdida", como se sabe, foi ouvida por Gertrude Stein em uma

discussão inusitada ocorrida dentro de uma oficina parisiense. De acordo com o relato de Hemingway, em Paris é uma festa, diante da recusa insistente de um jovem em não obedecer às antigas regras para realizar um serviço a contento, o dono de uma oficina mecânica teria ampliado seu descontentamento com o jovem se referindo a toda a sua faixa etária como uma "geração perdida". Dias depois, Gertrude Stein passaria a se referir a Hemingway e a toda a sua geração da mesma forma. Uma parcela desta perda deve ser creditada aos confrontos da Primeira Guerra Mundial, e a Segunda Guerra Mundial não deixaria por menos e formaria uma nova geração, ainda mais perdida. Sucessivamente, as catástrofes produzidas por confrontos armados em várias partes do globo, a frágil constituição das jovens democracias e a árdua tarefa de reorganizar as identidades culturais também contribuíram para que a expressão ganhasse novos significados.

Do mesmo modo, o golpe de 64, no caso brasileiro, criara condições políticas favoráveis para que, mais uma vez, a expressão "geração perdida" voltasse a fazer sentido. O ressentimento e a revolta provocados pelos anos da ditadura haviam criado a expectativa de que a censura e a repressão, chegando aos seus últimos suspiros no final da década de setenta, pudessem fazer renascer as esperanças em torno da existência de um grande número de produções artísticas, literárias e culturais capazes de, em um súbito movimento contrário, apagar da memória coletiva do país o pavor, o medo e o ruído dos anos anteriores.

Contudo, as gavetas não estavam cheias do material pelo qual se havia aguardado tanto: não havia o grande romance, não havia nenhuma grande obra musical escondida, nem mesmo o teatro (tão ativo durante a década de setenta) pôde dar a volta por cima e apresentar ao público as grandes peças, que seriam capazes de justificar a enorme expectativa que se havia depositado em torno da dramaturgia nacional, que parecia sucumbir diante da televisão.

Diante do ocaso de mais uma geração, outra característica do narcisismo passa a ter uma clara evidência, sugerindo corroborar uma certa tendência que condena aqueles que nos sucedem, seja por meio da desqualificação, seja pela incapacidade de que eles mantenham alguma tradição (como se isso fosse decorrência de uma



escolha).

Mas, que estranha rapsódia é esta que não logrou êxito em oferecer aos seus ouvintes o que eles gostariam de ouvir e, ao contrário disso, ofereceu um cardápio indigesto, realizando o sonho de um filósofo distante, regido por técnicas de interpretação de Freud, Nietzsche e Marx. Que rapsódia é esta que, sem estardalhaço, e sem que isso fosse combinado, desiludia um público ávido por novidades e construía este estranho panteão em uma remota região do globo.

Finalmente, devo despertar Borges para sugerir que do mesmo modo que Foucault se utilizou dele com a finalidade de sustentar suas desconfianças em relação às redes demasiadamente presas ao real histórico, o *Folhetim* também estava em sintonia com esta tendência, aludindo, ao que parece, sobre a necessidade de se criar uma estratégia ficcional extremamente sofisticada para tornar possível a travessia do árido espaço construído pela união entre a psicanálise, a crítica marxista e a antifilosofia nietzschiana, que marcaram de forma acentuada os rumos das discussões no final do século XX.

Já que se fala com mais propriedade quando se fala retrospectivamente, devo acrescentar que Rapsódia de uma década perdida oferece uma forma ambivalente de se ler a década de oitenta através do *Folhetim*. Isto porque os anos oitenta nos colocam diante de uma estranha encruzilhada: durante este período fomos transportados para onde não era possível nos reconhecermos, ao mesmo tempo em que o período nos tirava do marasmo sem que isso fosse percebido.

NOTAS

(*) Este texto foi escrito como parte de minha argüição de defesa do doutorado. A Tese, *Folhetim (1977-1989) — Rapsódia de uma década perdida*, foi defendida em 7 de fevereiro de 2001. A banca, presidida por minha orientadora, professora doutora Maria Lucia de Barros Camargo, foi composta pelos professores Rita de Cássia Barbosa e Raúl Antelo (ambos da UFSC), Wander de Melo Miranda (UFMG) e Nelson Schaposhnik (Unesp/USP). A Tese se encontra depositada junto à Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

(**) Doutor em Literatura.

(1) FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud & Marx. Theatrum filosoficum*. 4^a ed. Trad. Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1987.

(2) IDEM. Op. cit., p. 13.

(3) IDEM. Ibidem, p. 15.